

PLURALIDADE CULTURAL: ESTRATÉGIAS COTIDIANAS DA VIVÊNCIA DE HOMENS E MULHERES NEGROS

CULTURAL PLURALITY: DAILY LIVING STRATEGIES OF BLACK MEN AND WOMEN

Luiz Carlos do Carmo¹

Resumo:

A presença e a atuação de homens e mulheres negros nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás marcam a reflexão que se inicia. A construção de possibilidades, a manutenção de valores sociais, a permanência e atualização de valores históricos são elementos presentes nas narrativas de vida dos entrevistados. A análise das compreensões de vida desse conjunto de sujeitos, junto com as inserções sociais, as defesas de sentidos e dos modos de ser possibilitam investigar as intenções contidas nas demais versões do passado difundidas nessas localidades.

Palavras-chave: Memória, cultura, cotidiano.

Abstract:

The presence and actions of black men and women in the cities of Triangulo Mineiro, parts of Alto Paranaiba and the southeast of the state of Goias mark the beginning of this reflection. The construction of possibilities, the support of social values, the establishment and update of historical values are elements which are present in the interviewees' life story. The analysis of the understanding of the lifes from this group of subjects, as well as their social insertion, the protection of their feelings and the way they are, makes it possible to investigate the intrinsic intentions in the other versions of the past, disseminated in these regions.

Key-words: Memory, culture, daily.

¹ Doutor em História pela PUC-São Paulo. Professor Adjunto da UFG-Campus Catalão. E-mail: lzcarmo@uol.com.br

As pesquisas acerca da presença e da atuação do contingente de homens e mulheres negros num amplo conjunto de municípios do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás formaram a base do doutoramento em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2005².

Durante as pesquisas, evidenciaram-se, concomitantemente ao processo de investigação e análise dos depoimentos e das muitas conversas com um grande número de homens e mulheres negros, de um lado, somados às investigações nos jornais e demais publicações em busca de referências à presença desse segmento populacional, do outro, diversas nuances de desdobramentos dos envolvimento cotidianos desse

grupo. Ainda de acordo com as observações, os vários envolvimento sociais dessas pessoas pareciam, irremediavelmente, ecoar e marcar o recôndito da dimensão humana desses sujeitos. As ações, as escolhas culturais pareciam responder a indagações várias acerca da trajetória histórica, da memória e dos valores desses sujeitos históricos nesta porção central do país.

Do vasto corpo documental trabalhado, com entrevistas e conversas realizadas em cerca de vinte e cinco cidades, ao longo de vinte anos, houve, em muitos momentos dos relatos, apontamentos em que ocorria a clara convergência de inúmeros princípios que, de uma forma ou de outra, deixava à mostra um conjunto imbricado de lembranças e avaliações acerca de situações com envolvimento e posicionamentos sociais diversos que perpassaram as observações. Dentre tantos pontos, dos caminhos percorridos, dos impasses vividos, das soluções orquestradas, dos sentidos de realização pelos desejos alcançados, pelos dissabores dos investimentos não materializados, ao longo dos anos as pesquisas apontavam para elementos complexos do viver e do querer ser visto nestas localidades.

Quanto à questão da presença e da atuação de homens e mulheres negros nesta região do Brasil Central,

² A primeira das reflexões, ainda em 1995, intitulada *Congos e Moçambiques: representações da cultura negra nos jornais de Uberlândia* procurara compreender como os principais veículos de imprensa local registraram suas posições a respeito das celebrações de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberlândia. O segundo trabalho, em 1996, uma versão ampliada do primeiro, denominado *Representações da Cultura Negra na Imprensa de Uberlândia*, pretendeu listar e compreender as várias posições externadas nos diversos meios de comunicação escrita local. Da terceira reflexão, dentre tantos produtos, destaco a dissertação intitulada *"Função de Preto" Trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960*, defendida junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também foi defendida a quarta e mais importante análise: a tese de doutoramento intitulada *"Salve o Rosário, o Rosário Salve". Sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central*.

dentre outras preocupações, havia a intenção de compreender as ações e as formas de atuações marcadas pela presença do conjunto de devoções a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Essa intenção era pautada na certeza de que, sob quaisquer aspectos focados e a abordagem eleita para o estudo, esses sujeitos poderiam ser percebidos como plenos de sentidos e de desejos e capazes de avaliar e decidir sobre as tentativas de encaaminhamentos de seus futuros, ao invés de apenas presos a uma tradição social religiosa que os prendera. Essa premissa organizou boa parte dos esforços ao longo destas discussões. A intenção maior visava não essencializar esse ou aquele comportamento coletivo, mas entender se aquelas opções, como as de entregarem-se à Umbanda e ao Candomblé, à devoção a Nossa Senhora do Rosário, aos Clubes Negros, ao sentimento de pertencimento que alinhava os moradores dos bairros, outrora territórios negros, dentre outras escolhas e/ou contingenciamentos sociais, foram condicionados ou se os elementos do passado a ser memorizado, em face das opções e posições do presente postas à sua frente, deixavam ver uma atualização política de elementos do passado, instrumentalizando escolhas do presente e do dia que seguirá.

Em momento algum me propus a apenas observar a maneira como determinadas palavras e/ou assuntos são singularmente entoados, ou como as cores usadas pelos ternos em procissão distinguem-se das demais segmentos dessas localidades, e/ou esmiuçar como esses sujeitos entregam-se, anos a fio, a essas celebrações³.

Ao mesmo tempo, era objetivo observar os homens e mulheres negros, também como vítimas incontestáveis de uma formulação de Estado que organiza e celebra determinadas memórias, que insiste na tentativa de normatização de um comportamento social desejado, que não condiz com as compreensões de passado de muitos que têm os seus desejos sociais e suas valorizações históricas certas; Estado recorrentemente voltado para “grupos específicos”, dentre inúmeras outras questões que fazem crer numa construção de nação brasileira recheada de problemas⁴. As celebra-

³ Sem dúvida, busquei analisar a maneira de ser e de agir, repleta de conteúdo político-cultural e histórica, constituindo um modo de vida de uma parcela da população de homens e mulheres negros que se lançaram ao longo dos anos, construindo o possível e mantendo suas convicções em meio ao convívio com diversas outras formulações de sociedade.

⁴ Nunca faltaram razões para que as tensões sociais brasileiras não contivessem os principais elementos para uma cisão irreconciliável. Já foi dito que os 388 anos de escravidão da população africana, que mais

ções de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito indicaram a porta de entrada para vislumbrar aspectos da vivência desses sujeitos que nem sempre são postos à luz dos debates que organizam políticas públicas, formam profissionais variados, que enfim, auxiliam a formar este país.

Procurei trazer para a análise as versões das demais vivências em que aspectos ‘totêmicos’ da força política e histórica, ordenadora do social conhecido, não estão presentes no primeiro plano. Buscar uma maneira na qual os sujeitos, que externam suas visões e suas compreensões dos lugares de poder, pudessem fazê-lo com a propriedade e a autoridade de quem fala acerca do que vivera e/ou do que acredita ter importância⁵. Nessa ótica, as fontes orais encerram a possi-

tarde comporia um significativo percentual da população brasileira, fez com que esses indivíduos encerrassem uma dada particularidade de memória de ser brasileiro. O período com a forma monárquica, os anos de regime autoritário-oligárquico, os 36 anos de ditadura semi-fascista, os anos de regime democrático burguês, a ilusão de liberdades civis plenas, dentre outros elementos diários que externam, aos olhos de todos, o difícil caminho de construção de respeito à cidadania dos demais brasileiros.

⁵ Compreender diversos aspectos importantes do vivido pelo conjunto de homens e mulheres negros, em um grande número de municípios, valorizando as percepções, as avaliações das iniciativas, das escolhas individuais, das opções encontradas frente às aspirações e os interesses compunham um ambiente único, a partir das revelações das narrativas dos entrevistados. Estas, por certo, são refinadas pelo passar dos anos e

bilidade maior “*de fixar, de acumular conhecimento pelo letramento, as fontes orais colocam em xeque as demais versões e os conjuntos de experiências que tentam ordenar as interpretações locais*”. (PRINS, 1992, p. 163-198).

A partir das inserções sociais dos homens e mulheres negros observados, dentre inúmeros outros elementos, fica claro que a capacidade de negociação social e a construção de um plano de convivência mínima faz-se presente, apesar da disparidade das forças sociais e das pressões dos diversos grupos populacionais de cada uma das cidades pesquisadas. Nas várias localidades, nas observações dos entrevistados, cada uma daquelas vidas continha, à sua maneira, um conjunto marcado pela multiplicidade de exemplos das opções de vida efetuadas por membros mais velhos do contingente negro que os orientavam em diversos momentos do diálogo com as condições vividas, as formas de lidar com as possibilidades locais, assim como atualizavam os valores e sentidos eleitos, mantidos em meio à profusão de significados dessas localidades, mas acima de tudo, com um diálogo direto com

o acalmar dos corações. Nesse sentido, as fontes orais constituíram-se na melhor possibilidade de investigação.

as compreensões acerca do que é e/ou deveria ser a forma e o local de atuação do negro⁶.

Emanam do trabalho de pesquisa elementos variados, indícios que apontam para particularidades do convívio com os signos e sentidos sociais em uma atmosfera em que o conjunto de homens e mulheres negros aparece viabilizando os sentidos e valores que os orientam em meio às diversas formulações sociais existentes. A presença de um amplo contingente de famílias negras, a persistência histórica de práticas sociais negras, como as celebrações de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e o Treze de Maio com sentidos e significados importantes ao segmento populacional negro, em que as marcas culturais fazem-se notar nos vários espaços urbanos, apontam, também, para uma complexa capacidade desse grupo de singrar os vários mares de conhecimentos e preferências acer-

⁶ No encaminhamento dessas questões tem-se que as atividades sociais, inicialmente eleitas para a pesquisa, ainda persistem em meio aos diversos afazeres e tensões do cotidiano do conjunto de homens e mulheres negros envolvidos com os ternos de Congos, Moçambiques, Catupês, entre outros, ano após ano (apesar das inegáveis mudanças e transformações sociais, destas regiões); com suas ações, com suas formas de viver, com muita força imprimem uma página, seguida de outras, de uma história de atuação pessoal conectada a sentidos que se espraiam ao coletivo, permeando e tensionando as formulações do conjunto de valores e compreensões comumente divulgados.

ca da forma como conduzir uma vida⁷.

As escolhas, as atitudes e os encaminhamentos que marcam as trajetórias de vida desses sujeitos permitem pensar acerca das formulações e das compreensões que teceram a respeito de suas vidas ao longo dos anos. A intenção deste artigo é interpretar algumas das formas e dimensões das diversas conduções pessoais efetuadas ao longo das atuações desses sujeitos. A análise dos relatos permite perceber que as vidas desses sujeitos, mesmo em cidades diferentes, encerram aspectos semelhantes em várias dimensões das ações cotidianas propostas⁸.

⁷ As disposições sociais presentes nessas localidades, e as atitudes ao arrostar aspectos importantes para esses sujeitos, permitem pensar numa orquestração social do grupo, que passa pela organização de vida a partir das condições encontradas dispostas à sua frente e de uma compreensão própria de sua existência.

⁸ No tocante à fonte oral diversos foram os momentos e as experiências compartilhadas com os demais sujeitos da pesquisa, ao longo dos anos de trabalho e de conseqüentes viagens pelos municípios das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás. O grande número de lugares e de pessoas conhecidas e entrevistadas, os contatos telefônicos, as diversas conversas nas ruas, nas praças, algumas mais curtas, outras mais demoradas e não menos reveladoras, são dignos de nota e de agradecimento. O adentrar as diferentes casas, sempre regado a água e café, o calmo caminhar pelas calçadas, as paradas e encontros fortuitos às margens dos campos de futebol nas periferias, as visitas emocionadas aos locais dos clubes negros e aos clubes onde negros não entravam, as revelações surpreendentes nas calçadas onde negros não podiam andar, às

Na cidade de Uberaba-MG, depois de diversas idas, com contatos despretensiosos, dentre muitas entrevistas efetuadas, destaco a conversa com a senhora Maria Luzia Mapuaba, uma pessoa de longa vivência e sorriso fácil que logo me acolheu⁹. Em uma tarde de um dia útil, procurei-a, apresentei-me, caminhamos juntos pelo quintal de sua casa e, com a sua autori-

zação, entrei pela área lateral de sua residência, que dá num amplo espaço; casa comum, como muitas da classe trabalhadora brasileira. Depois de uma pequena troca de palavras, sentados, procurei explicar-lhe as razões de minha intenção em entrevistá-la, e na conversa pedi que me falasse de aspectos da sua vida, de trechos e momentos que julgasse importantes.

muitas edificações onde moraram personalidades negras são alguns dos momentos em que fui conduzido pela experiência dos entrevistados. Os muitos contatos com os locais onde muitas mulheres negras trabalharam durante anos são algumas das ocasiões onde entrevistador e entrevistados mergulharam em conjunto e construíram uma interpretação, um posicionamento sobre a relação entre os valores, os sentidos, o momento vivido por uma parte importante da população negra desses municípios e os demais valores e sentidos presentes nessas localidades. Entre tantas incursões, sempre em companhia dos entrevistados, proporcionadas pela pesquisa, destaco as visitas às áreas, aos terrenos onde um dia existiram alguns dos importantes símbolos das tentativas de viabilização de espaços, de afetividade e de oportunidades sonhadas pelos entrevistados, ou por parentes próximos. Nesse conjunto, há os antigos locais de moradia própria ou de conhecidos, os locais de trabalho, os de lazer, as ruas que mudaram o calçamento ou o sentido do tráfego, onde muitos dos homens e mulheres negros freqüentemente passavam e viveram sua infância e adolescência, espaços de onde alguns partiram, enquanto outros dali nunca saíram. Obrigado a todos por partilharem suas lembranças.

⁹ A eminente entrevistada foi uma das fundadoras de uma importante agremiação carnavalesca, a Escola de Samba Rosas de Ouro, campeã do carnaval de 2003; é uma das mais velhas de uma família de longa tradição e atuação junto às práticas sociais negras uberabenses. Juntamente com seus familiares fundou também dois ternos de Congos e possui no seu quintal uma casa de Santo Umbandista, no bairro Mercês, em Uberaba.

A senhora Maria Luzia, até então sempre calma, com minha proposta, mira-me e calmamente muda o semblante, e de súbito, quase emocionada, diz que não vivera nada de extraordinário e que sua existência havia sido comum, de mulher trabalhadora pobre, com filhos, uma vida difícil, nada mais. Disse-lhe que não era apenas isso, e procurando convencê-la, expliquei-lhe que os tempos haviam mudado, multiplicando e transformando as coisas; disse-lhe, ainda, que procurava histórias de homens e mulheres negros que pudessem transmitir, com suas vidas, com suas trajetórias pessoais, ensinamentos para as futuras gerações, e que se possível, conversasse comigo como alguém que retransmitiria a sua história para as muitas crianças negras da região.

Procurava convencer a eminente entrevistada, que de fato, as mudanças e novas maneiras de se viver

dos homens e mulheres negros muito me interessavam¹⁰ mas para isto, precisava entender o que ocorrera no passado. Ouvindo-me, ainda em silêncio, e seguindo com minhas observações a respeito das crianças negras, a depoente de Uberaba, após uma pausa, um olhar distante, pondera ainda assim, com calma, reflete e diz que as crianças não se interessariam pelo acontecido em sua vida, que tudo que passara não era nada mais do que as coisas de uma vida comum. Novamente insisti, disse que não era verdade, e que sendo a mulher que há tempos ouvira falar, uma dona de casa uberabense com uma rica e fascinante história de vida, muito teria a dizer e muitos a ouviriam. Nesse instante, a entrevistada me olha nos olhos de um modo como ainda não fizera. Propondo uma passagem pessoal, indago-a acerca do destino quase certo para a maioria das mulheres negras dos anos de 1940, 1950: o casamento e um grande número de filhos. Esta era uma instituição que estava presente na vida da maior parte das mulheres brasileiras nesse período. Com que

¹⁰ Propunha, a princípio em silêncio, e em seguida externava à senhora Maria Luzia, que com o imbricamento de valores e a difusão de uma única proposta de ser, as crianças de modo geral, e as negras para efeito da análise, segundo consideráveis indícios, rapidamente procuram afastar-se de muitas práticas dos pais e avós, mas logo se traem em vários aspectos do dia-a-dia.

idade ela se casara e em que circunstância acontecera o seu matrimônio foi à questão inicial, e, parecendo concordar com o início da entrevista, já tendo, aparentemente me estudado, assim responde:

Casei em 1950, tive que aumentá a idade pra casá, naquela época era diferente num casava assim não, era diferente, não era assim não. Sô do dia 2 de setembro, no documento agora não sei bem a outra data não, meu marido era da classe de 1924 da cavalaria de Pirassununga, casei em 1950, e em junho, 10 de junho de 1951 tive o primeiro filho, nove são vivos, morreram treze, fiquei casada 19 anos até que meu marido morreu.¹¹

Nas palavras da entrevistada transparecem aspectos importantes da condição de uma mulher negra pobre, que exigem que se indague a condição das demais mulheres da região pesquisada. A entrevistada que se casou em 1950, conforme o relato, com menos de 18 anos, condição impeditiva que a obrigara a aumentar a idade para contrair matrimônio, faz pensar nos fundamentos desse relacionamento entre homem e mulher.

¹¹ Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevista em sua residência, no bairro mercês, em Uberaba, no dia 31 de março de 2003.

Uma mulher jovem, nos anos de 1950, ao que parece não estava em condições de recusar uma proposta de casamento, mesmo com um marido bem mais velho, que cumpre as obrigações militares na cavalaria na classe de 1924, na cidade de Pirassununga-SP.

As observações acerca das idades dos envolvidos no referido matrimônio são indícios importantes para se pensar o que parece ser uma condição não exclusiva das mulheres negras como a senhora Maria Luzia, no período. A fácil verbalização do nascimento, praticamente imediato do primeiro filho¹², que chega para marcar a longa caminhada de esposa e o histórico das 22 gestações que viriam, corrobora uma prática comum à esmagadora maioria das vivências das mu-

¹² A partir deste instante, a entrevista transcorreu sem interrupções de qualquer natureza, com as interpretações do vivido fluindo bem, demonstrando uma provável confiança crescente e um aparente aceite das proposições do seu interlocutor. Desta forma, a comunicação, nesse momento, parece estar estabelecida numa base aceitável para ambos. Os minutos de hesitação transformam-se, e uma conversa em que havia o tatear de incertezas e apreensões comuns dá lugar à compreensão dos contornos das intenções dos envolvidos, que apareceram e permitiram, a ambos, assenhorear-se de uma combinação aceitável e única que acabou por viabilizar um diálogo tranquilo. Sobre quem dirige a entrevista e a negociação constate tem-se que: *"(...) a comunicação sempre funciona de ambos os lados. Os entrevistados estão sempre, embora talvez discretamente, estudando os entrevistadores que os estudam"*. (PORTELLI, 1997, p. 07-24).

lheres brasileiras das décadas que seguiram¹³. No caso da entrevistada, das vinte e duas gestações treze filhos morreriam; os outros nove são motivo de orgulho e, com o grande número de netos, comporiam o universo de uma família negra comum, porém conhecida e respeitada em Uberaba.

Depois de vinte e poucos anos de trabalho ininterrupto, numa casa de uma das famílias tradicionais de Uberaba, a senhora Maria Luzia ganha de sua antiga empregadora o terreno onde reside no bairro Mercês. Sua ex-empregadora era esposa de um proprietário de terras, que falece; conseqüentemente, ambas ficam viúvas e, com um grande número de filhos e muita afinidade, auxiliam-se mutuamente. Possivelmente, como forma de agradecimento, a proprietária presenteia a empregada com o terreno.

A entrevistada é amplamente conhecida na cidade de Uberaba apenas como Luzia Mapuaba, do bairro Mercês. Nos dias atuais é dona de uma condição de vida comum, para uma mulher pobre trabalhadora, go-

¹³ Neste aspecto, enquanto a média do número de filhos, da mulher brasileira em geral, mantinha-se na casa de seis por família, os dados não apontam para o número de gestações que as mulheres tiveram durante o casamento. Sobre o número de filhos e a fecundidade da mulher brasileira, ver: (BERQUÓ, 2001, p. 14-37).

zando de um respeito incomum e uma grande estima por parte do conjunto de homens e mulheres negros mais velhos uberabenses e, por uma série de combinações, por boa parte desses moradores pobres mais velhos, aqueles que há duas ou mais décadas residindo na capital do zebu, conhecem-na. Com filhos advogados, professores, dentre outros profissionais, ela não passa por dificuldades materiais; aposentada, possui um terreiro de Umbanda nos fundos de sua residência, onde recebe visitantes das cidades vizinhas e de outros estados, assim como os uberabenses que a procuram. A senhora Maria Luzia segue sua vida, voltando-se para um grande número de práticas sociais negras e os segredos de suas celebrações.

No tocante a um sem número de acontecimentos difíceis em sua vida, a depoente relata partes do ocorrido, e apesar das palavras constroem um quadro duro de passagens em sua vivência, seu olhar não vai para o chão, não há vestígios de vergonha, nem mágoa. Ao que parece, o que revela chega aos dias atuais combinando os dois sentimentos, mas as cores do ter vivido e a certeza que aquelas experiências não mais voltariam, parecem fundirem-se ao quadro atual do seu viver, de uma maneira suave e organizada. Não

há aqui alusão à insensibilidade, o que parece ocorrer é uma aparente demonstração de força e uma clara, mas dolorosa, tentativa de serena e sincera demonstração de superação do ocorrido e um riso que denuncia uma satisfação com o construído.

Mas esse universo que cerca as condições de vida das mulheres negras brasileiras, o casamento, o número de filhos, a desvalorização no trabalho, entre outros fatores, é uma carga muito grande, e que, à sua maneira, há muito assola essa parcela da população.

Pergunto à senhora Maria Luzia sobre um assunto que, normalmente, é agradável aos entrevistados: qual era o local de origem, o nome, e outros pontos do conjunto de lembranças dos seus pais, e a depoente revela:

minha mãe era do Prata-MG¹⁴, ela morreu em 1971 com 82 anos completos e totalmente lúcida, andava pra cima e pra baixo, conhecia todo mundo. O meu pai era de daqui, o meu avô Vicente Mapuaba deu o grito de liberdade, eu lembro pouco dele, ele falava meio difícil, era difícil compreendê ele, era um home forte,

¹⁴ O município de Prata está cerca de 85 km da cidade de Uberlândia e a cerca de 110 km da cidade de Uberaba.

minha mãe falava muito dele. Meu pai morreu cedo, eu e minhas irmãs conhecemos pouco ele, logo morreu né, não deu pra nós acompanhá-lo como ele era.¹⁵

A partir dos apontamentos da entrevistada uberabense, tendo falecido sua mãe com oitenta e dois anos em 1971, pode ter nascido em 1889, um ano após o fim da escravidão negra no país. Precisa ou não, a informação é fato que passara pelas várias transformações estruturais da sociedade e com as implicações nas relações entre negros e brancos na região do Triângulo Mineiro. O município de Prata¹⁶, oficialmente emancipado do município de Uberaba em 1849, ainda mantém com o segundo relações e preferências em grande parcela da dimensão do cotidiano da população pratense. Há ainda elementos remanescentes de um antigo e intenso trânsito de pessoas e serviços entre os dois municípios¹⁷.

¹⁵ Depoimento da senhora Maria Luzia Cardoso, conhecida como Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31 de março de 2003.

¹⁶ É, em extensão territorial, o segundo maior município do Estado de Minas Gerais com ampla produção leiteira, historicamente, na frente de sua economia, quadro que muda na entrada dos anos oitenta com a chegada das plantações de laranja, vindas do interior do Estado de São Paulo, com problemas fitossanitários, que encontra nas terras mineiras boas condições de continuidade de sua atividade.

¹⁷ O trânsito entre a cidade de Uberaba e a cidade de Prata é grande.

No depoimento, as lembranças da entrevistada sobre o pai paracatuense mingam em face do seu falecimento e do conseqüente pouco convívio, além da escassez de informações que não lhe chegaram. Ainda assim, a referência sobre o local de nascimento do genitor, a cidade de Paracatu, no noroeste de Minas Gerais, soma-se aos vários outros indícios sobre a importância desta cidade e do contingente negro dessa localidade para a compreensão do histórico da população negra de diversos municípios de Minas Gerais e de partes do Estado de Goiás.

A depoente observa que o seu pai, apesar de lembrar-se dele muito pouco, falava de modo muito difícil, e que não era fácil compreender a sua pronúncia. Há aqui indícios acerca da presença de uma sonoridade possivelmente permeada de palavras africanas que caíram em desuso com o tempo e com o convívio com os demais grupos populacionais locais. Esta é uma considerável pista de que houve, entre outros, uma possível existência e convivência com remanescentes africanos na região¹⁸.

Normalmente é feito por meio de uma antiga estrada não pavimentada, conhecida por quase toda a população mais velha dos dois municípios.

¹⁸ A questão relacionada à origem da população negra presente nesses municípios será, em muitos casos, apenas esboçada nessas discussões,

O relato dos locais de nascimento dos pais da senhora uberabense, evidencia indícios acerca do trânsito da população de homens e mulheres negros nas localidades analisadas, que em muito permeiam o movimento da memória dos entrevistados. Prossigo a entrevista, e peço à senhora Maria Luzia que comente sobre as condições de vida na cidade de Uberaba,

quando possível. Ainda em tempo, a questão das sonoridades africanas remanescentes, e que desapareceram com o tempo, parece ser algo semelhante ao que aconteceu com os primeiros imigrantes europeus que aqui aportaram, e mesmo as populações indígenas dessas regiões. Esses primeiros grupos populacionais, como os negros africanos, falavam pouco o português, e quando o faziam, seguramente adequavam as palavras do novo idioma ao seu modo de falar, e com o tempo e o intenso convívio com outros grupos influenciaram e foram influenciados pelos sujeitos, num trânsito intenso e inegável. Há, numa outra direção, trabalhos sobre populações negras, mais ou menos isoladas e a manutenção de formas de sociabilidades e de comunicação. Dentre alguns estudos, ver: VOGT & FRY (1996). Esta análise aponta, entre outras referências, a presença da utilização de um conjunto de léxico, com uma estrutura gramatical e formação genitiva (preposição + nome) encontrada pelos autores na região do cafunfô, bairro rural situado no município de Salto do Pirapora, a trinta quilômetros de Sorocaba e a cento e cinquenta de São Paulo. Há, ainda neste estudo, referências a um bairro negro na cidade de Patrocínio no estado de Minas Gerais, em que as populações negras ali radicadas usariam dos mesmos procedimentos lingüísticos encontrados em Sorocaba. Na mesma direção, há estudos como o de Paula (2000), em que a autora, utilizando uma abordagem da lingüística, cruza elementos dispostos nas canções dos ternos no interior da festa de Nossa Senhora do Rosário da Cidade de Catalão e debate a utilização e preferências dos dançadores por construções lingüísticas e corruções de palavras e sentidos, num diálogo social intenso em meio às comemorações locais.

sobre a trajetória de manutenção de sua existência, da viabilidade diária, após a morte do pai, as condições de outrora, e a entrevistada relata:

Ah! hoje tá bom, mas o que eu já sofri eu não tenho vergonha de falá não. Minha vida foi quase só sofrê, mas eu não dobro não [Há uma leve mudança na impoção da voz, enfatizando a firmeza, a convicção que a orienta, e segue dizendo]: Quando meu pai morreu, meu pai morreu cedo eu lembro pouco dele, minha mãe fico com nós tudo, não deu nós pra ninguém, e nós fomo cresceno e já fomo, e já fomo trabalhano, fomo trabalhano, eu, comecei cedo, minha mãe sempre trabalhano, minhas irmãs, cada uma que ia cresceno, já arruma alguma coisa pra faze, não foi fácil, foi muito trabalho, hoje não, hoje mudô tudo, tá muito mais fácil.¹⁹

Os apontamentos proferidos com calma, e aparente domínio da disposição das palavras permitem pensar que, ao longo da existência da entrevistada, momentos difíceis foram quase uma constata. Ao que parece, da condição de trabalhadora com escassos recursos e possibilidades, e um sem número de dificul-

¹⁹ Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31 de março de 2003.

dades, não resta a vergonha, muito pelo contrário, a condição do presente, de mulher simples e feliz com o construído em sua trajetória, vem da possibilidade de lidar com o vivido e com satisfação dizer que sofreu, mas não se dobrou, entendido como situação de difícil condição econômica e momentos extremos. A interpretação do relato aponta para um conjunto de dificuldades vividas, surgidas quando da morte do pai, até então natural provedor do sustento da família. A nova situação, compartilhada com a mãe e as irmãs ao longo dos anos, não foi capaz de empurrá-los a uma condição de degradação e desunião familiar.

Já no início das observações da senhora Maria Luzia, o grau de consciência plena de sua trajetória aparece no domínio do tempo, “... *hoje tá bom* ...”, e na certa amplitude e similitude das condições e experiências sociais vividas, na cidade de Uberaba, que seguramente fora comum às muitas outras famílias negras. Nessa perspectiva, sigo a entrevista, e indago-lhe sobre a trajetória do casamento, do convívio com o marido, os momentos bons, as formas de contorno das dificuldades da família. A senhora Maria Luzia, desenvolta, afirma que na ocasião do seu casamento, as condições não eram fáceis:

Logo eu casei [uma pausa, seguida de risos, que possui uma conotação de desencanto, desengano, mas não há tristeza nesse momento] o meu marido era jogador da Merceana ele não trabalhava não, o negócio dele era jogá bola. Nós casamo, a coisa foi ficano ruim e nós fomo morá numa casa, dentro do campo da Merceana (...) a gente não tinha dinheiro, o time quando ganhava dava algum, pouca coisa, mas num era sempre, então, então em troca do aluguel eu lavava a roupa do time, o time também foi fracassando, por causa do presidente ou não sei quem, o fato é que um dia foram lá e cortaram a luz, agora você imagina, no escuro com criança pequena, chegava de noite era um frio e pernilongo, muito pernilongo por causa das mangueiras, eram quase 50 mangueiras²⁰ aquilo não era fácil, como caía muita folha, o chão chiava [pequena pausa seguida de risos²¹] era muito difícil aquela vida.²²

²⁰ O time da Merceana, não existe mais, era um quadro formado por atletas do bairro das Mercês em Uberaba, embora com a praça de esportes desativada ainda é possível ver as mangueiras a que se refere a entrevistada junto ao Colégio Polivalente naquela localidade.

²¹ Neste momento a entrevistada deixa ver o alívio pelo distanciamento da situação vivida. mas ainda assim, o relato não é permeado de peso, vem à tona um sincero folgar, talvez por ter vencido aquela conjuntura.

²² Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31

Um marido bem mais velho, jogador em um time de futebol amador do município, e que ganha a vida com as pugnas desse esporte. Nas palavras da senhora Maria Luzia, as ações do esposo, em especial a opção pelo futebol amador uberabense, figuram como uma escolha que levava a entrevistada e seus filhos a uma condição de desconforto, promovido pelo insucesso do companheiro. As referências da senhora Maria Luzia apontam para uma construção de possibilidades em que o futebol parece ser, para alguns homens negros, mais que um trabalho comum, mais que uma fonte de renda habitual.

É possível pontuar, a partir das palavras da entrevistada, que para alguns pobres trabalhadores brasileiros, promover o sustento de um grupo de pessoas no espaço urbano, em especial nas décadas de 1940 e 1950, não parece ser uma tarefa fácil. Um grande grupo de pessoas, com outros ritmos de trabalho, com saberes pouco ou nada adequados às relações de trabalho cidadinas e um quadro de pauperização do trabalhador marcam a atmosfera da época do casamento da senhora em questão²³.

de março de 2003.

²³ Em nenhum momento o nome do falecido marido da depoente é citado, e em respeito à opção da senhora Maria Luzia, decidi por selar o acordo

No mesmo sentido, não longe de Uberaba, têm-se as observações de outro entrevistado, o senhor Olinto Silva, em Uberlândia, pessoa extremamente conhecida, sempre presente nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário. Neste, e em muitos municípios pesquisados, ele é o principal representante da escola de Samba *Unidos do Chatão*, a única que possui quadra coberta própria e considerável número de aficionados. Este senhor, também conhecido como “*Pai Nego*”, juntamente com o saudoso Capela, na verdade Sebastião Prata, foram no passado recente dessa localidade promotores de bailes e outras atividades de conagração dos jovens negros uberlandenses. Dentre tantas entrevistas e inúmeras conversas, quando pergunto ao senhor Olinto Silva sobre sua trajetória de vida, o que fizera por ocasião de sua adolescência, o entrevistado revela que:

eu sempre tive muitos amigos. Com quatorze anos fui morá na pensão, eu não tinha idade, mas o meu irmão

estabelecido por ocasião da concessão da entrevista e não indaguei acerca do seu falecido marido. Como sugere Alessandro Portelli, nas entrevistas “(...) *ambas as pessoas trazem para a entrevista uma agenda própria, que é constantemente reajustada no curso da conversa (...)*”. (cf. PORTELLI, 2001, p. 09-37).

falô que era responsável e eu fiquei. Na pensão você sabe, tem todo tipo de gente, e eu graças a Deus sempre consegui me fazê respeitá. Depois eu comecei a jogar futebol, andei muito, joguei em tudo quanto é lugar, não fui profissional não, mas eu ganhei de tudo com futebol, tive uns dois ou três terrenos aqui em Uberlândia, cada novo campeonato as pessoas me procuravam, e eu pra assiná pra alguém negociava e eles me davam, ganhei quase todas as coisas pra casa quando fui casá.²⁴

As observações do senhor Olinto Silva, no trecho acima, referem-se à construção de um conjunto de possibilidades na cidade de Uberlândia, de onde se sobressaem os ganhos auferidos no futebol amador do município. Os bens adquiridos, os terrenos, os utensílios de sua residência, dentre outros ganhos com a prática do futebol ajudam a compor uma melhor compreensão da opção feita pelo depoente, e estendendo a compreensão, permite pensar acerca da disposição do marido da senhora Maria Luzia, da cidade de Uberaba, em enveredar-se pelas raias do futebol daquele município.

No âmbito pessoal, para o senhor Olinto Silva,

destaca-se a compreensão da importância do fato de ter ido morar em uma pensão com muito pouca idade; não há apontamentos que se refiram a um desconforto por ter sido, após a morte do pai, deixado na pensão. Ao contrário, o fato de ter saído de casa muito cedo e a nova organização familiar dos irmãos e irmãs, apontados pelo depoente, parecem contribuir para ampliar o contato com pessoas de diversas partes da região do entorno de Uberlândia e do país, que em viagens hospedavam-se na pensão onde morava o depoente.

O número de conversas com homens negros que remetem suas lembranças ao futebol, a uma vigorosa destreza e habilidade física nas cidades pesquisadas, não é pequeno. O espaço compreendido entre os anos de jovialidade do passado, as avaliações e alguns convívios desajustados com as limitações físicas do presente podem ajudar a compor uma melhor compreensão dessa recorrência nas lembranças. De volta ao referido esporte, após a Segunda Guerra Mundial, as partidas esportivas ganham espaços diversos do dia-a-dia brasileiro e a possibilidade de ascensão social por meios próprios e amplamente independentes, gestados a partir da capacidade individual, da destreza, da habilidade e da astúcia corporal podem ter encantado

²⁴ Depoimento do senhor Olinto Silva, entrevista em sua residência, no bairro Custódio Pereira, em Uberlândia, no dia 07 de abril de 2003.

gerações e se constituído em uma possibilidade vislumbrada de perto por muitos homens negros.

Mesmo sem se conhecerem e estando espacialmente separados²⁵, há, talvez, uma coincidência de posicionamentos diante da conjuntura experimentada entre o senhor Olinto Silva e o marido da senhora Maria Luzia, e muito provavelmente entre outros como eles, no período. Saudáveis jovens e homens negros já feitos, presumivelmente com alguma expressiva habilidade futebolística, procuraram emitir uma combinação de respostas às semelhantes condições do ambiente vivido, no caso, apostando em um futuro melhor, construído a partir do futebol, uma das opções que em muito encantara alguns membros da população negra da região. Talvez, corroborada pela possibilidade emanada de um tipo de futebol pautado mais na técnica individualizada e alguma noção de conjunto dando o tom das pelejas. Nesse cenário, têm-se os jogadores negros, nas cidades em análise, jovens trabalhadores, a maioria com poucas chances de progressão econômica, somado à confiança individual, fato quiçá vislumbrado pelo marido da senhora Maria Luzia por

intermédio do futebol (cf. ROSENFELD, 1993)²⁶.

O relatado sucesso material obtido pelo senhor Olinto Silva, entre outros hábeis jovens negros, marca claramente que esse grupo de pessoas vislumbrava nesse esporte alguma possibilidade de sucesso em um curto espaço de tempo, o que algumas vezes se realizava. Essas e outras práticas das populações pobres e marginalizadas engendram, também, a ampliação constante dos limites postos pelas tensões e ordenamentos instituídos no cotidiano das cidades. Essas ações podem ser entendidas como promotoras da ampliação da atuação do que Maria Odila descreve como:

O espaço de sobrevivência (...) que coincidia com a margem tolerada de relativa autonomia dos desclassificados sociais: difícil, se não impossível, de ser devidamente policiado, cresceu com a urbanização, multiplicando oportunidades de improvisação (DIAS, 1995, introdução)

Uma dada capacidade inventiva dos homens e mulheres negros, ao longo dos anos na história da so-

²⁵ A distância entre as cidades de Uberaba, onde residia o esposo da senhora Maria Luzia, e Uberlândia, onde reside o senhor Olinto Silva, é de cerca de 110 km.

²⁶ Ainda sobre os clubes de futebol, as rivalidades e a sublimação destas paixões, defesas territoriais e sentidos diversos, ver: (ZALUAR & ALTIVO, 1998, p. 15-21).

cidade brasileira foi, e ainda é, arma recorrentemente utilizada frente ao quadro de pressões que assolam esses sujeitos, há muito apontada de forma enviesada, e não raro, de forma jocosa, despolitizadora, como fora encarada e difundida. Esta hábil disposição proporcional, em alguns casos, aos interessados de plantão, uma possibilidade de tentar o incremento de vários estereótipos e desqualificações sociais desse segmento populacional. Valendo-se de uma habilidade inquestionável, em determinadas áreas, alguns poucos do contingente populacional negro deram saltos de uma condição social desfavorável à outra. E nessa direção, ao longo da narrativa da senhora Maria Luzia, a reprovação dos empreendimentos do companheiro de dezoito anos de convivência feita pela depoente uberense, encerra uma condição de análise e diálogo com o vivido, mas ao mesmo tempo, permite inferir que o jogador do time da Merceana, durante anos um conjunto de negros, pode ter pagado um preço alto pela aposta de mudança de vida, para si e para sua família.

Vários são os relatos que se ligam às celebrações discutidas ao longo de muitos anos, em que esses e outros sujeitos se referem às condições sociais construídas a partir de improvisações, relações de tolerância, de in-

tolerância, revides históricos, situações mal resolvidas, enfim, de um sem número de elementos dos relacionamentos diários estabelecidos entre os diversos grupos de homens e mulheres negros. Emanam, nas observações de muitos entrevistados, questões tais como as que se observam no relato do senhor Olinto Silva, quando pergunto-lhe sobre a condição do negro no passado da cidade de Uberlândia, e o entrevistado diz:

Hoje, hoje nós tamos no céu, no céu, por que a gente sofreu viu, sofreu muito, vê, se você pensa, se você acha que tudo era assim como é hoje ta enganado! Ta enganado! [pequena pausa, interrompida com o mesmo tom das palavras anteriores]. Mas eu nunca arredei pra branco nenhum, sempre tive muitos amigos branco, mas ó comigo piadinha, caço de mim não, eu revidava, tava pronto pra tudo, mas não foi fácil, hoje, [com a voz embargada, numa pausa clara, completa:] hoje é diferente.²⁷

O tom e a impostação da voz do entrevistado mudam com a intenção de responder a indagação a respeito da presença e da atuação da população negra na cidade

²⁷ Depoimento do senhor Olinto Silva, da cidade de Uberlândia, no dia 07 de abril de 2003.

de Uberlândia nos idos passados. Compreende-se, pelo teor do relato e pelas atitudes e gestos, que as experiências que emergiram do vivido, advindos da condição de ser negro nessa localidade, mesmo no passado recente, perturbam-no. O preconceito, as piadas, mesmo quando a relação entre jovens brancos e negros era marcada pela amizade, transparecem como possíveis e frequentes. Ao mesmo tempo, a disposição do senhor Olinto Silva permite pensar num grau de conscientização à altura das brincadeiras e das caçoadas inter-étnicas locais.

Como indica o relato acima, quando aponta que “(...) *se você pensa, se você acha que tudo era assim como é hoje ta enganado, ta enganado (...)*”, permite pensar no que representou ser negro no interior daquela sociedade. As muitas transformações nos espaços urbanos e revalorização de aspectos do viver dessas populações também se efetivaram ao longo dos anos. Da mesma forma, as observações do senhor Olinto Silva reafirmam sua disposição, sua intenção atualizada, ao dizer “(...) *eu nunca arredei pra branco nenhum...*”, e por conta de luta empreendida no passado para fazer-se respeitar, enfatiza: “(...) *eu revidava, tava pronto pra tudo, mas não foi fácil...*”. As palavras capturam uma interpretação do vivido, uma dis-

posição contida a partir de uma compreensão, e nesta ótica, as observações do depoente em muito permitem ver uma condição histórica difícil no interior da cidade de Uberlândia, enfrentada de uma maneira clara e contundente.

Os relatos do senhor Olinto Silva permite pensar que a sua disposição não deve ter sido a única, sua forma de pensar pode ser estendida a outros homens e mulheres negros locais, numa disposição frente a uma situação e/ou uma ameaça próxima, vislumbrada a partir de um pressuposto motivador que ele não poderia negar. Ainda a partir do relatado pelo senhor Olinto Silva, compreende-se que o vivido traz as marcas dos seus relacionamentos e do grupo ao qual se vinculara, e que mesmo após o tempo afastar a força dos eventos, a elaboração das experiências que se somam não foram capazes de promover um convívio tranquilo com as lembranças da condição de ser negro naquela conjuntura recente, pois parece permanecer de forma pouco acomodada no seu íntimo²⁸, posição indicada

²⁸ Como observa Paul Ricouer, ao propor que “(...) *o esquecimento envolvido no perdão [na negociação cotidiana], é o esquecimento da dívida e não o esquecimento do fato*”. (RICOUER apud. ZAWADZKI, 2001, p. 371-402).

ao afirmar que nos dias atuais “estamos no céu”²⁹.

Alguns poucos homens e mulheres negros, com muito empenho, dedicação e entrega, às vezes conseguem compor uma condição incomum, consolidando-se economicamente, e em muitos casos, participando de círculos sociais pouco freqüentados por membros do contingente negro. Dentre muitos possíveis casos a serem elencados, extrai-se o da explanação do senhor Herberto, na época um dos incentivadores de minhas pesquisas, que falecera em 1999. Fora o primeiro homem negro a trabalhar no Banco do Brasil na cidade de Uberlândia; era casado, pai de cinco filhos, uma médica, um engenheiro, um advogado, um arquiteto e outro sem formação universitária concluída. Afirmava nunca ter sofrido com o preconceito racial, por jamais se abaixar para branco algum. No entanto, em conver-

sas acerca de sua trajetória de trabalho, transpareciam difíceis situações diárias que lhe tomavam de emoção, ao relatar um fato ocorrido num anexo de sua residência, na Avenida Getúlio Vargas, em Uberlândia. Assim observa o depoente a respeito de como, pode-se pensar, entendia ser negro nesta localidade:

Olha um dia desse chegou uma senhora aqui, minha, minha patroa tem um butequinho aqui, ela faz salgado, faz festa e coisa e tal e a minha filha que é médica tava lá, bateno um papo com a mãe. Chegou uma dona lá, de dinheiro, minha filha tava bem vestida, coisa e tal conversano com a mãe. Aí ela disse, ‘minha filha, olha, minha filha cê num quer trabalhá pra mim, não’? Naquilo minha filha olhou a mulher, olhou pra mãe dela assim, e disse: - ‘Uai, trabalho, a senhora tem hospital?’ Diz que essa velha perguntou a ela, meio envergonhada: ‘Ah que bom, você tem profissão, né, ocê é enfermeira, né que bom, puxa. Isso é bom, bom pra você né, não dá pra fica sem serviço, é importante sabê alguma coisa’. – Aí minha filha parô, olhô de novo pra mãe dela e respondeu praquela senhora. – ‘Não, eu não sô enfermeira não, eu sô é médica’. Ah! rapaz, olha, a mulher desmontou (risos e uma certa dose de indignação

²⁹ Muitas são as observações levantadas ao longo dos anos de pesquisa acerca das dificuldades por que passou esse ou aquele membro do contingente populacional negro nas cidades da região em face da forma como fora tratado, agredido, pressionado para que se comportasse dessa ou daquela maneira no dia-a-dia das sociedades em que estavam inseridos. Os acontecimentos dessa natureza são vários e múltiplos os aspectos da relação de tentativas de dominação e as conseqüentes resistências, negociações, revides, acomodações, aceites temporários, entre outros aspectos das tentativas de impor posições outras entre os diferentes grupos de interesses dessas localidades, o que marca, claramente, um dinamismo das relações entre os vários grupos populacionais nestas localidades.

cortam o ar , em seguida o entrevistado repete) Minha filha falou ‘não, eu trabalho, a senhora tem hospital?’ Ah, num sabia que o cê era enfermera. Não eu num sô enfermera, não, eu sô médica.³⁰

O trecho do depoimento acima traz a forma como o senhor Herberto lidava com as lembranças de uma complexa situação vivida, em que a prévia construção mental da relação entre negros e os demais grupos sociais uberlandenses valem-se das desqualificações e tentativas de enquadramentos dos sujeitos, de tempos em tempos realimentado com brincadeiras e outras formas de se lutar para manter determinados postos e situações sem a presença desses sujeitos. A situação econômica alcançada, a tranquilidade proporcionada pela estabilidade frente ao conjunto de desventuras a que todos estão submetidos não se traduz, necessariamente, em novas maneiras de tratamento, novas relações diárias, ou em uma compreensão em que o fato de ser negro e o diálogo com as construções mentais não figure nas interpretações e posições desejadas de alguns membros dos demais segmentos locais.

De acordo com o relato, o entrevistado choca-se

³⁰ Depoimento do senhor Herberto Machado, da cidade de Uberlândia, no dia 05 de setembro de 1997.

ao ver como a sua filha médica, em cuja profissão, no geral, pesa a possibilidade de um considerável ganho econômico, de amplo reconhecimento social, uma significativa conquista para uma família negra brasileira, fora tratada pela compreensão e intenção da cliente de salgados e quitandas de sua esposa como uma bem sucedida jovem negra que conseguiu ser enfermeira. Nesse momento, os problemas locais relacionados à cor da tez e a forma como é vista, alcançam e implorem as possíveis prerrogativas, não econômicas, mas de presença de um corpo negro e de sua desejada forma de atuação numa sociedade. Os investimentos, o empenho e as conquistas auferidas, de acordo com as observações do depoente, não foram suficientes para distanciá-lo dos sinuosos e violentos embates diários entre brancos e negros.

É sabido que numa sociedade de classes não é vedado aos seus membros transpor determinados obstáculos e figurar, mesmo por instantes, entre indivíduos, e mesmo núcleos, de outros grupos de interesses sociais; ao contrário, essas incursões em grupos distintos são importantes exceções que somente confirmam os limites de cada grupo e o grau de solidez de suas fronteiras. Mas, uma vez transpostas as distâncias

e superados os contornos que marcam as áreas e as formas de atuação de cada uma das organizações dos grupos sociais, é possível constatar a clara tentativa de re-locação de cada um em seu 'devido' lugar social. E esta disposição orienta e permite compreender que, muitas vezes, aos primeiros momentos de ameaças às 'conquistas' dos grupos são reivindicadas algumas posições estabelecidas que são defendidas acirradamente; são pontos de saturação das aparentes condições de tolerância e indistinção alardeadas pelos defensores da democracia³¹ que cede espaços aos confrontos de posições, há tempos escamoteadas.

Normalmente, nos instantes de ameaças e de defesas de posições, serão refeitas as configurações dos grupos de interesses, de classes e/ou étnicos, outrora formados sem a introdução de membros que chegaram mais tarde para incrementar a sua composição, no caso, o grupo dos homens e mulheres negros, migrantes

³¹ Coaduno com a perspicaz provocação de Pierre Manent, quando afirma sobre a possibilidade do diálogo com os 'amigos excessivos da democracia', ao observar que: *"(...) a democracia se funda na igualdade, (e alguns) querem realizar esta igualdade. Querem tornar real a igualdade que é apenas formal. (...) [Seu esforço é oriundo da] (...) negação pura, pois querer realizar uma abstração democrática, que nada tem de humano, é pretender realizar o irrealizável. O esforço para realizar o irrealizável só pode consistir na destruição de tudo aquilo que é realmente humano"*. (MANENT *apud*. ZAWADZI, 2001, p. 371-402).

numa suposta nova condição. Os grupos, de sobreaviso, sem subterfúgios, voltam-se para a ordem inicial que, sob ameaça, é requisitada, e o reenquadramento dos indivíduos é, não raro, processado, as dúvidas sobre os antigos locais que cada um deve ocupar se dissipam em tempos difíceis, e por fim a construção e defesa de determinados espaços sociais passam a não contemplar, sem animosidade, as incursões, sobretudo de membros que carregam a constatação fácil do grupo social de classe e/ou étnico a que pertence.

A condição de profissional médica negra, citada anteriormente, e o constructo mental gestado e disperso no convívio com que se deparara o senhor Herberto, segundo seu relato, faz supor que a compreensão acerca das condições sociais vividas na cidade de Uberlândia, em que as diversas pressões contidas nesse espaço urbano e as armadilhas individuais forçadas a partir do argumento da competência e do auto fazer-se, amplia a complexidade da questão da presença dos homens e mulheres negros nas cidades listadas, ao invés de restringi-la. Os relatos remetem às observações de Stuart Hall quando pondera sobre como o corpo negro reflete:

(...) além dos mecanismos de violência e agressão dirigidas, que são características da estereotipia racial, há

outras coisas; os mecanismos de ruptura, de projeção, de defesa e de negação. Chegamos a compreender a tentativa de suprimir e controlar, através da economia simbólica de uma cultura, tudo o que é diferente; o perigo, a ameaça, que a diferença representa; a tentativa de recusar, de reprimir, de fixar, de saber tudo sobre o 'diferente' para que possamos controlá-lo; a tentativa de fazer daquilo que é diferente objeto de exercício de poder. (HALL, 1996, p. 336-343)

O exemplo de vida vitoriosa do senhor Herberto, que na cidade de Uberlândia conquistou condições materiais que, no geral, poucos homens e mulheres negros puderam alcançar, aponta para uma variedade de obstáculos transpostos ao longo de sua existência. A presença e a atuação dos homens e mulheres negros nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás, sem dúvida encerram aspectos importantes ao grupo, mas não à margem dos demais acontecimentos e envolvimento sociais que afetaram os demais grupos populacionais locais.

A especificidade da trajetória histórica, os desdobramentos sociais, as tensões e as constantes movimentações de uma sociedade plural, como é a brasileira, compõem um material importante para se

compreender os embates do passado e o que determinou a presente construção social que conhecemos. A questão das memórias dos múltiplos grupos populacionais nacionais coloca-nos um dilema que a fonte oral oportuniza investigar. Os sentidos do passado não estão determinados, como querem as narrativas sínteses que se veiculam pelos locais consagrados de difusão da História Nacional. Ainda há muito por incluir nessas construções.

REFERÊNCIAS:

- BERQUÓ, Elza. Evolução demográfica. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). *Brasil um século de transformações*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- HALL, Stuart. Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies. In: STOREY, John (ed.) *What is cultural studies?* Trad. Elen Hughes e Yara Khoury. London: Arnold, 1996.

MANENT, Pierre. Tocqueville et la nature de la démocratie. Paris: Ed. Fayard, 1995 *apud* ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento*; indagações sobre a questão sensível. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

PAULA, Maria Helena de. *Cantigas das congadas de Catalão*; aspectos lingüísticos e identidade cultural. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística)-Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2000.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral; a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 07-24, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 09-37, jun./2001.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

RICOUER, Paul. La critique et la conviction. Paris: Calmann-Lévy, 1995 *apud* ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento*; indagações sobre a questão sensível. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó. A África no Brasil*; linguagem e sociedade. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

ZALUAR, Alba; ALTIVO, Marcos (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Artigo recebido em: 03/11/2009

Artigo aprovado para publicação em: 20/11/2009